

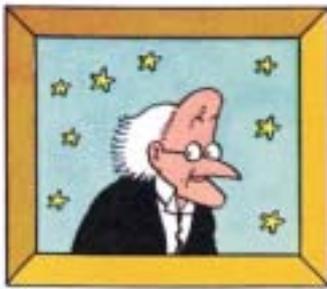
# Cientistas bons e génios do mal na Banda Desenhada

Carlos Pessoa\*



[1]

Que a banda desenhada (BD) é o domínio por excelência dos heróis “positivos” e sem medo, irradiando coragem e generosidade de todas as células do seu corpo, já não é propriamente novidade para ninguém. O que talvez não seja tão perceptível é que, não raras vezes, o destino individual e o êxito das aventuras desses heróis de papel dependem do saber e da capacidade de realização de cientistas e investigadores. É a imagem destes na banda desenhada, e em particular dos físicos, que se analisa neste artigo.



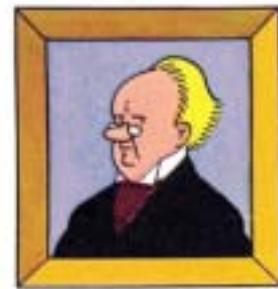
*A expedição será dirigida pelo professor Calis, que detectou, nesse aerólito, a presença de um metal desconhecido. Os outros membros da expedição são:*



*... O sábio sueco Erik Björgenskjöld, autor de notáveis trabalhos sobre as protuberâncias solares,*



*... o Señor Porfirio Bolero y Calamares, da Universidade de Salamanca,*



*... Herr Doktor Otto Schulze, da Universidade de Iena,*



*... Monsieur Paul Cantonneau, da Universidade de Friburgo,*



*... o Professor Pedro João dos Santos, o célebre físico da Universidade de Coimbra,*



*... o jovem repórter Tintin, que representará a Imprensa,*



*finalmente, o capitão Maddock, presidente da L. M. A. (Liga dos Marinheiros Antialcoólicos), terá o comando do navio AURORA, a bordo do qual embarcará a expedição.*

direitos reservados

[2]

Pedro João dos Santos: será pura perda de tempo tentar encontrar, em todos os arquivos – vivos e mortos – da Universidade de Coimbra o rasto deste homem. A única “foto” conhecida revela uma criatura magra e franzina, olhar inseguro e fugidivo, óculos redondos, bigode caído, grandes entradas que põem a descoberto uma testa alta, colarinhos altos à moda das primeiras décadas deste século. Quase nada se sabe da sua vida, que permanece mergulhada num enorme e profundo mistério. Os únicos dados disponíveis assinalam a sua participação numa expedição científica, nos anos 40 deste século, destinada a recolher informações sobre os fragmentos de uma misteriosa estrela que quase colidiu com a Terra e deu lugar a uma efémera ilha que acabaria por se afundar nas profundezas oceânicas.

Todos estes registos foram recolhidos para a posteridade por Hergé, o célebre desenhador e argumentista belga que criou o não menos famoso herói da BD, Tintin (1929). Pedro João dos Santos é, escreve Hergé, “o célebre físico da Universidade de Coimbra” que participa na referida expedição. Essa referência pode ser encontrada no álbum “A Estrela Misteriosa”, onde o cientista português tem como companheiros de viagem Porfirio Bolero y Calamares, professor da Universidade de Salamanca, Erik Björgenskjöld, cientista sueco “autor de notáveis trabalhos sobre as protuberâncias solares”, o doutor Otto Schulze, da Universidade alemã de Iena, Paul Cantonneau, da Universidade de Friburgo. A expedição é chefiada pelo professor Hipólito Calis, um astrónomo que detectou a

presença de um metal desconhecido no aerólito. E é tudo o que se conseguiu apurar depois de laboriosas investigações, pois o papel directo da quase totalidade dos seis cientistas na referida expedição não assume qualquer relevância, a avaliar pela cortina de silêncio que sobre elas Hergé deixa cair, ao longo de toda a história. A presença de um físico de Coimbra numa aventura de Tintin não passa, como se constata, de um mero pormenor, quase anedótico, que praticamente nada tem a ver com a economia mais profunda das aventuras do herói de Hergé. Todavia, já não é assim em “O Segredo de Coimbra”, um álbum realizado originalmente em 1991 por ocasião da exposição “Les Mécanismes du Génie, Instruments Scientifiques des XVIIIe et XIXe Siècles, Collection de l’Université de Coimbra”, que esteve patente no Palais des Beaux-Arts de Charleroi, no quadro da Europaia 91.

### Dos instrumentos da Física ao professor Tournesol

O livro, assinado por Étienne Schreder a preto e branco (e objecto de uma edição ulterior a cores, pelas Edições ASA), relata a incrível história de D. Rafael, o delfim enfermo que vivia isolado do mundo, em 1774, numa ilha perdida no meio do rio. E para quem foi construído um universo imaginário, à medida da sua frágil condição física, que visava reproduzir uma realidade não existente, dada através de uma anamorfose – “projectção

monstruosa ou representação desfigurada de uma qualquer imagem que é feita sobre um plano e que, de um certo ponto de vista, parece regular e feita com as proporções certas” – que lhe permitia ter a ilusão de acompanhar eventos e situações de faz-de-conta.

Em rigor, os verdadeiros protagonistas desta narrativa não são os personagens que, do presente do Museu de Física da Universidade de Coimbra, empreendem uma viagem ao passado para compreender o significado e importância da famosa figura anamorfosada, legado de família, que o professor Buisen tenta decifrar nessa deslocação a Portugal. Através de uma atmosfera intimista e misteriosa, sublinhada por silêncios e jogos de sombras muito ao sabor e gosto de outros dois grandes mestres da BD europeia (François Schuiten e Benoît Peeters, a quem Schreder agradece aliás a colaboração

prestada na elaboração desta obra), o que se projecta em todo o seu vigor para primeiro plano é a extraordinária colecção de instrumentos científicos do Gabinete de Física da Universidade de Coimbra.

Regressemos a Tintin, onde a presença do universo científico se faz sentir a mais do que um título. O professor Tournesol é, obviamente, o expoente máximo dessa dimensão “topa-tudo” e multi-engenhosa que, no imaginário de uma dada época não muito remota, se quis dar dos cientistas na literatura popular. Desse ponto de vista, ele é, na banda desenhada, o equivalente visual dos personagens descritos por autores como Júlio Verne, Mary W. Shelley, H. G. Wells, R. L. Stevenson, ou H. P. Lovecraft, entre outros.

Tournesol surge, pela primeira vez, na expedição em busca do tesouro de Rackam, antepassado do capitão Haddock (aventura “O Segredo do Licorne”), quando bate à porta de Tintin para lhe propor o modelo de um pequeno submarino em forma de tubarão para explorar sem perigo os fundos oceânicos. Depois disso, torna-se um dos mais importantes personagens secundários da série, atingindo porventura o apogeu da sua carreira no ciclo “Rumo à Lua”-“Explorando a Lua”, onde assume o papel de principal responsável pela concepção e organização da expedição lunar em que, aliás, também participa.

### Inteligentes e perversos

Antes e depois de Tournesol, outros personagens dos meios científicos povoam a BD europeia. O professor Cosinus (repare-se no nome de inspiração matemática...), criado por Christophe no final do século passado, pode bem ser considerado o modelo de referência e o antepassado de Tournesol – como este último, é uma criatura engenhosa, distraída e original.

Um e outro são, na perspectiva do malogrado Jean-Claude Forest (criador, entre outros personagens, de Barbarella), com o seu “perfil redondo e nariz ingénuo” o “modelo do sábio louco mas doce”, “pacífico e infantil”, cujo “horizonte é iluminado pelo grande sonho do movimento perpétuo, que substituiu a pedra filosofal que, afinal, se revelou demasiado coriácea”.

Na tradição franco-belga, outros cientistas marcaram lugar na História, na maior parte dos casos integrados na categoria do que se poderia designar por “sábios loucos”. A série Blake e Mortimer (1946), de Edgar-Pierre Jacobs, propõe-nos dois dos mais consistentes – e perversos – personagens do género. Septimus (“A Marca Amarela”) é o inventor de um sistema que permite dirigir um homem à distância – a famosa “onda mega”. O outro é Miloch, que está na origem de um mecanismo de manipulação e controlo do clima e das condições atmosféricas (“SOS Meteoros”). A explosão do seu laboratório provoca-lhe



queimaduras radioactivas que lhe minam a saúde, sucumbindo na aventura seguinte (“A Armadilha Diabólica”), mas não sem antes exercer a sua vingança sobre Mortimer, a quem oferece uma viagem grátis através do tempo mas sem bilhete de regresso.

Mais fantasiosos e do domínio da ficção científica, do que propriamente cientistas “sérios” e “credíveis”, os exemplos vão-se acumulando na BD europeia. Ainda na corrente franco-belga, será necessário esperar pelo período do pós-guerra para ver surgir, com a assinatura de Fred e Alexis, o professor Stanislas na série “Time is Money”, num registo entre o satírico e a “science fiction”. Aquele personagem, que faz parêlha com um prosaico Timoléon, acaba de conceber uma máquina de viajar no tempo, tema mais que recorrente na BD. E com ela pretende regressar ao passado, menos com a intenção de fazer progredir os conhecimentos históricos do que de ganhar dinheiro à conta do que sabem do futuro.

Com um pendor mais colérico e perverso, vale a pena assinalar ainda os cientistas Stix na série Scarlet Dream (1965, desenho de Robert Gigì e texto de Claude Moliterni, com alguns álbuns editados em Portugal pela Meribérica-Liber), e Töi Maker na banda desenhada Agar (1972, assinada pelos mesmos autores da anterior).

### A obsessão do tempo

Mais paródico, mas não menos aterrador, é Espérandieu, que faz a sua aparição na série Adèle Blanc-Sec (1976), de Tardi, aliás recheada de referências e presenças de homens de ciência.



[5]

Por fim, há Schroeder, um cientista do século XX (mais exactamente, activo em meados dos anos 80), a cujos trabalhos experimentais os terrestres do século XXIV devem a descoberta do “salto espaço-temporal” que lhes permite viajar no tempo. Assim começa “A Cidade das Águas Movediças”, primeiro álbum da série de ficção científica Valerian (1967), de Jean-Claude Mézières (desenho) e Pierre Christin (texto), uma das criações mais imaginativas e inteligentes do seu género.

Se olharmos para a BD americana, há também algumas referências que vale a pena citar. Antes de mais, convém não esquecer Wottasnoozle, o desopilante génio saído da imaginação de Elzie Segar em Popeye (1929).

Ainda dentro da chamada Época de Ouro dos quadrinhos norte-americanos, é incontornável a referência a Brick Bradford (1933), de William Ritt e Clarence Gray, onde a máquina usada pelo herói – de novo, um “Pião do Tempo” – ocupa por inteiro o lugar do seu criador. Bradford tanto mergulha no infinitamente pequeno (explorando uma moeda, por exemplo), como no infinitamente grande, tendo por companheiro o cientista Kala Kopak, entre outros.

A estrutura de personagens é, aliás, muito semelhante em Flash Gordon, série criada em 1934 por Alex Raymond (parcialmente publicado pelo “Jornal do Cuto nos anos 70). O herói percorre os espaços siderais na companhia da sua bela e eterna noiva, Dale Arden, e do professor Zarkov, um cientista que põe o seu saber e inteligência ao serviço da luta contra o tirânico imperador Ming que

governa o planeta Mongo com punho de ferro.

Avançando nos anos, a BD clássica americana perde fulgor e interesse. Mas seria totalmente injusto não citar as pertinentes reflexões e observações geradas pela experiência pessoal de alguém que não sendo um cientista, é, no seu



direitos reservados

[7]



direitos reservados

[6]

palmo e meio de altura e idade, uma permanente fonte de surpresa, perplexidade, curiosidade e humor: Calvin, da série homónima (1985), criada pelo norte-americano Bill Watterson.

Feitas as contas, o que ressalta como tendência dominante é uma visão esquemática e caricatural do cientista na banda desenhada. Há, claro, honrosas excepções, mas o papel a que a generalidade daqueles personagens está confinado é o de meros “aprendizes de feiticeiros”, seja candidatos a senhores do mundo, seja com a ambição de o recriar – e ao homem – de acordo com a sua imagem pessoal idealizada.

Forest recorda ainda outra condição para o cientista nos quadrinhos, porventura, “mais trivial”: vingarem-se “de um mundo crítico que não foi suficientemente lesto a reconhecer o seu génio”.

\*Jornalista

[gazeta@malaposta.fis.uc.pt](mailto:gazeta@malaposta.fis.uc.pt)

#### Referências

- [1] Bill Watterson, “Calvin e Hobbes”, Gradiva
- [2] Hergé, “A Estrela Misteriosa” e “O Segredo do Licorne”, Difusão Verbo
- [3] Etienne Schréder, “O Segredo de Coimbra”, Edições ASA
- [4] Edgar-Pierre Jacobs, “A Marca Amarela”, “SOS Meteoros” e “A Armadilha Diabólica”, Meribérica-Liber
- [5] Jean-Claude Mézières e Pierre Christin, “A Cidade das Águas Movediças” (série Valerian), Meribérica-Liber
- [6] Vince, “Vortex”, Editions Delcourt
- [7] William Ritt e Clarence Gray, “Brick Bradford”
- [8] Jacques Tardi, “As Extraordinárias Aventuras de Adèle Blanc-Sec”, de Éditions Casterman (e edição portuguesa dos primeiros quatro títulos pela Bertrand Editora)